



**UMA ANÁLISE DA IDEOLOGIA NAZISTA A
PARTIR DA ÉTICA DE ESPINOSA**

***AN ANALYSIS OF NAZI IDEOLOGY FROM THE
ETHICS OF ESPINOSA***

NASCIMENTO, Lucas Paulo Golin Xavier do¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a luz da Ética de Espinosa quais foram os mecanismos ideológicos e filosóficos que permitiram o estabelecimento do ideário nazista protagonizado por Hitler. A análise acerca da dinâmica dos afetos e dos sentimentos, propostas por Espinosa, nos ajudará a compreender o sentimento de escravidão que permeou todo pensamento nazista. Este sentimento gerado no interior da ideologia nazista permitiu com que acontecesse o maior genocídio da história humana; a superioridade da raça ariana acabou por excluir judeus, negros, homossexuais e deficientes físicos. Desse modo, aventamos a hipótese de que o ideário nazista nasce sob a égide do medo, que na concepção de Espinosa constitui um afeto nascido da tristeza, que por sua vez pode limitar o *conatus* do homem, isto é, sua força de ser e de permanecer na existência.

Palavras-chave: Liberdade. Nazismo. *Conatus*.

ABSTRACT

The present work aims to understand the light of Spinoza 's Ethics which were the ideological and philosophical mechanisms that allowed the establishment of Hitler' s Nazi ideology. The analysis of the dynamics of affections and feelings proposed by Espinosa will help us to understand the feeling of slavery that permeated all Nazi thought. This sentiment generated within the Nazi ideology allowed the greatest genocide in human history to happen; The superiority of the Aryan race eventually excluded Jews, blacks, homosexuals and physically disabled. In this way, we hypothesize that the Nazi ideology is born under the aegis of fear, which in Spinoza's conception constitutes an affection born of sadness, which in turn can limit the *conatus* of man, that is, his force of being and of Remain in existence.

Keywords: Freedom. Nazism. *Conatus*.

¹ Possui graduação em Filosofia pela Faculdade João Paulo II (2013), especialização em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais(2015) e curso-tecnico-profissionalizante em Piano Erudito pelo Conservatório Musical de Lins(2012). Atualmente é Professor da Escola Estadual Padre Cesare Toppino. E-mail: lucaspaulo2@hotmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1615326096458529>.



Introdução

Ao apresentar este trabalho, me proponho a analisar e explicar segundo a Ética de Baruch de Espinosa (1632-1677) a inadequação e servidão que leva o Nazismo sob o comando de Adolf Hitler a se levantar e impor uma política de medo sobre milhões de pessoas.

A filosofia espinosana, sobretudo sua ética abre espaço para fazermos uma análise precisa diante dos fatos e acontecimentos da II Guerra Mundial.

Espinosa, pensador moderno inaugura novas concepções de Deus, mundo e homem, que gera contradições e divisões com a tradição Judaico-Cristã, sobretudo no que se refere a Deus e ao mundo. Não foi por acaso que Espinosa é acusado e julgado pela religião Judaica por tais concepções, sofrendo a pena de excomunhão da mesma, senado banido da comunidade Judaica local.

Ora, a ética espinosana é uma ética da liberdade, onde não há certo ou errado, pecador ou santificado, mas os homens são todos vistos iguais, como extensões da substância infinita “Deus”. A liberdade para Espinosa se expande a Deus e ao Estado, pois de forma alguma os homens devem servir, prestar culto, se mortificar ou prestar inúmeros sacrifícios a eles, mas antes devem garantir que haja uma vivência ética em sociedade, em que o valor do *conatus* seja preservado e a vida das pessoas preservadas como um todo.

Em uma vida onde o instinto de preservação é impelido pelo *conatus*, os afetos são o que garantem o aumento e a diminuição do instinto de preservação do homem, ora por ideias adequadas, ora por ideias inadequadas, assim, a força dos afetos levam o homem a agir, e de acordo com sua inclinação podem desembocar na servidão, donde toda inadequação leva o homem a realizar atrocidades, destruindo e causando o medo e a falta de liberdade.

Logo o Nazismo liderado por Hitler

acaba por atingir e destruir milhões de pessoas: judeus, homossexuais, negros, deficientes físicos e todos aqueles que vão contra os ideais nazistas. A ideia inadequada da purificação da raça ariana levou a grandes experimentos científicos e tantos outros atos contra as raças consideradas inferiores, demonstrando o quanto o afeto da servidão estava presente durante a II Guerra Mundial, trata-se da diminuição e da destruição do *conatus*, que causa ao homem o sofrimento, o medo e a tristeza.

A Ética Espinosana: Deus

Toda a filosofia espinosana tem como base o conceito de Deus, donde desemboca todo o cerne da Ética, alterando e se distanciando do pensamento e conceitos anteriores trazidos pela tradição judaico-cristã trazidos tanto pela religião judaica do qual Espinosa fazia parte, como pela tradição escolástica cristã.

A tradição judaico-cristã mantinha a concepção de um Deus transcendente que cria o mundo de acordo com sua vontade e liberdade e se afasta dele, ou seja, um Ser todo poderoso do qual o homem devia temer, prestar culto e servir segundo os preceitos divinos trazidos pela religião, pois o mesmo Deus assim podia gratificá-lo, o abençoando segundo seus feitos para com Ele, ou o amaldiçoar, demonstrando a sua ira.

Ao rescindir com toda esta concepção, Espinosa abre a Ética com seu entendimento sobre Deus, eis então o que podemos conceber de acordo com o seu pensamento:

Deus no pensamento do filósofo é tratado como “substância”, ele considera sua existência pela Definição I da Parte I da Ética: “Por causa de si entendo aquilo cuja essência envolve a existência; ou por outras palavras, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente”, mas não acrescenta a ela os atributos que outrora se



mantinham pela tradição.

A substância existe por si só e é causa de si (D. III, P.I E.) e não depende de nada nem ninguém para existir, sendo composta por infinitos atributos que expressam cada qual uma essência eterna e infinita (D. VI P.I E.).

Os atributos da substância existem por ela mesma e expressam a eternidade da substância, mas não como uma substância sem início e sem fim, mas como uma eternidade ligada ao existir por si, ser auto-produtora de si mesma, sua potência (junção da essência mais existência por si mesma).

A identidade da existência, as essência e da potência substanciais é o que chamamos de eternidade: eterno, escreve Espinosa, é o ser no qual a essência, a existência e a potência são idênticos. A eternidade, portanto, não é um tempo sem começo e sem fim (mera eternidade negativa) e sim a identidade do ser e do agir (eternidade positiva que nada tem a ver com o tempo) (CHAUÍ, 2006, p. 117).

Entendamos que se trata de uma substância que age de acordo com sua natureza, sendo livre pela necessidade, e incondicionada (causa de si), não pode ser incomodada por ninguém e muito menos é divisível (a substância é una, não como em Aristóteles que existiam várias substâncias, em Espinosa existe uma única Substância), assim nada na natureza pode ser concebida sem ela (Prop. XVI, P.I E), pois tudo o que existe provém da potência absoluta da substância, pois são efeitos de Sua potência infinita, o que faz surgir a famosa expressão espinosana “*Deus sive Natura*” – Deus ou seja, a Natureza.

Não há criação no mundo (pois o mundo não é uma substância e muito menos possui potência de se produzir ou produzir outra coisa) e do mundo, pois o mundo exprime a causalidade eficiente da substância, ao mesmo tempo em que Deus ou a substância é causa de si, o mundo

existe juntamente com ela, pois é necessário à substância e só é eterno em função do atributo que a expressa. Não há um Deus separado do mundo, mas sim a imanência da substância, pois está em sua essência permanecer no mundo.

Cada coisa é um modo, uma modificação dos atributos eternos da substância infinita que é Deus. Mas quais são esses atributos?

Extensão e pensamento. Eis então o grande problema que envolve essa primeira parte da Ética, Deus possui extensão (o que era inconcebível pela tradição, que afirmava Deus ser pensamento puro e jamais poderia ter forma corpórea ou “extensão”). Assim, a substância está ligada inteiramente ao mundo e a matéria, pois cada coisa remete a uma modificação dos atributos de Deus.

Logo uma substância não pode ser causa de outra substância (Prop. VI, P. I E), por não serem compostas de infinitos atributos e pelo fato que não podem se dar no mundo substâncias do mesmo atributo.

Tudo o que existe, portanto, possui causa determinada e necessária para existir tal com é: é da essência da dos atributos causar necessariamente as essências e potências de todos os modos e encadear ordenadamente as leis causais universais que regulam a existência e as operações desses modos; e todos modos, porque exprimem a potência universal da substância, são também causas que produzem efeitos necessários. Isso significa que nada há de contingente no universo e que tudo é necessário. Há um ser necessário por sua própria natureza ou por sua essência- Deus- e há seres necessários pela causa- os seres singulares, efeitos imanentes da potência necessária de Deus (CHAUÍ, 2011, p. 71).

Deus é chamado por Espinosa de “*Natura Naturans*” sendo a causa, e o mundo de “*Natura naturata*” sendo efeito da causa, de forma que o mundo é causa de Deus donde tudo se concebe e existe necessariamente demonstrando a potência



da substância, isso fica claro no livro “Pensamentos metafísicos” onde escreve Espinosa “[...] quando mostramos que nada pode existir, mesmo por um instante, sem que sua existência deixe de ser criada a cada instante por Deus” (ESPINOSA, 1997, p. 64).

Sendo assim, todas as coisas possuem uma razão pela qual sejam do modo que são, sendo que não poderiam ser criadas por Deus de outra forma do que a tem, pois não há nada de contingente no mundo (correspondendo à natureza da substância), sendo que contingente é o que não podemos conhecer e tanto poderia existir como não existir, e se a essência da substância faz com que ela seja inseparável da natureza, portanto se torna aquilo que podemos conhecer.

Com isso, Deus é a natureza donde todas as coisas surgem de seus atributos infinitos e eternos, mostrando a potência da substância. Não cabe a Espinosa explicar como surgem as coisas, já que não temos a “criação”.

O homem, Corpo e Mente

Primeiramente o homem é uma modificação dos atributos da substância infinita (Deus), ou seja, o homem é um modo do atributo extensão (pois possui um corpo que exprime a essência de Deus) e é um modo do atributo pensamento (pois possui uma alma, o que o torna um ser pensante). Logo o homem é composto por corpo e alma.

Há então um rompimento total no que se refere, sobretudo, ao dualismo cartesiano. Mente e corpo na filosofia espinosana é apenas uma única substância, onde já não possui superioridade de uma a outra, mas são expressões ao mesmo tempo da mesma e única substância. Está na essência da mente estar conectada ao seu objeto de pensamento, ou seja, o corpo.

Na mente se encontra toda consciência do que se passa no corpo e nela mesma, sendo ela a ideia do corpo e que

não pode existir distintamente, o que podemos ver pela demonstração da preposição XI da II Parte da ética: “[...] assim, portanto, é uma ideia a primeira coisa que constitui o ser da alma humana. Mas não, todavia, a ideia de uma coisa não existente, pois então, essa ideia não poderia dizer-se existente; será, portanto, a ideia de uma coisa existente em ato [...]” (ESPINOSA, 1997, p. 233) Com essa total aproximação: mente e corpo, Espinosa demonstra a potência pensante da alma, que sabe apenas da existência do seu corpo pela compreensão de suas afecções.

Através do aumento da potência corporal, ocasiona também o aumento da potência intelectual, o que possibilita à mente obter o conhecimento verdadeiro de seu objeto de pensamento (o corpo), do mundo e de si mesma, assegurando a singularidade individual em relação aos outros.

Tudo o que acontece no objeto da ideia da alma humana deve ser percebido pela alma humana; por outras palavras: a ideia dessa coisa existirá necessariamente na alma; isto é, se o objeto da ideia que constitui a alma humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela alma (ESPINOSA, 1997, p 234).

Se tudo o que acontece no corpo também é percebido pela alma, consequentemente o homem também é desejo e paixão, pois o corpo humano pode ser afetado de diversas maneiras que permitem que sua potência de agir aumente, diminua, ou conforme se sucede não pode aumentar nem diminuir.

Entramos agora em uma parte crucial no pensamento espinosano, pois envolver desejo e paixão como partes do homem, o que gerará conflitos ao pensamento religioso e, sobretudo o que até agora se havia sendo proposto, como: abdicar das paixões e desejos que antes corrompiam a alma humana.



Conatus, Desejo, Paixão e ação como partes do homem

Deparamos então, com o aparecimento do “*conatus*” (sendo ele a essência do corpo e da mente, como uma força interna) que garante ao homem a permanência na existência, como forma de transformar-se e realizar-se.

A força do *conatus* pode aumentar ou diminuir de acordo com as ações que realiza com outras forças exteriores. A força do *conatus* aumenta quando sua força é causa completa e total sobre as ações que realiza. Diminui o *conatus* quando pelas potências externas, suas ações são diminuídas, dominadas e impelidas (ex. a servidão, a escravidão).

O homem então é movido pelo desejo, pois faz parte de sua essência como tal que o motive a fazer algo. “[...] o desejo é um apetite de que se tem consciência, e que o apetite é a própria essência do homem, enquanto esta é determinada a realizar os atos que servem para a conservação deste. [...]” (ESPINOSA, 1997, p. 323)

Percebe-se que o termo “essência do homem” é empregado, de modo que, se faz claro que o homem é desejo, e o necessita como forma de manter sua preservação enquanto homem e potência.

É pelo esforço que queremos, desejamos algo, e assim podemos julgá-lo bom. O que temos de essencial em nossa mente é o instinto de preservar e firmar a existência do nosso corpo, logo qualquer coisa ou ideia que venha ou possa destruir nosso corpo não pode estar presente em nossa mente e não deve existir nela. Pois é claro que com o esforço de preservar-se, nenhuma ideia que possa negar a existência de nosso corpo é de acordo com a essência de nossa mente, sendo corpo e mente apenas um.

As causas podem ser adequadas (quando o efeito pode ser percebido claro e distintamente por ela mesma) ou inadequadas (quando o efeito não pode ser

compreendido por ela mesma). A nossa mente ao receber ideias adequadas, age, necessariamente porque possui nela uma ideia adequada em Deus. Ao contrário disso é quando a mente humana possui uma ideia inadequada, ela necessariamente padece, pois não segue de sua natureza algo que não é causa, senão parcial. Inadequação recebe o nome de paixão, pois representa a passividade perante as forças externas (sua causa é a imaginação que nos matem na ignorância por usar de imagens confusas que não nos permitem chegar às causas verdadeiras das ações e das coisas). E adequação recebe o nome de ação, pois é a atividade que convive com as forças externas, sem se deixar dominar a elas (sua causa é o conhecimento racional e reflexivo que permitem conhecer as coisas e ações em suas essências, ordem e a gênese em um sentido verdadeiro).

Se a mente é passiva, o corpo juntamente com ela o é, e se o corpo é ativo, a mente será também ativa. Ambos são passivos ou ativos juntos. Não se pode passar da paixão á ação por domínio da razão, por isso tudo o que ocorre em nosso corpo, ou seja, as afecções são experimentadas por nós pelos afetos (alegria, tristeza, amor, ódio, ciúme, glória), logo não é possível uma ideia ou imagem sem que haja um fundo afetivo e seja em forma de desejo.

Afirma ainda Espinosa, que uma paixão só é superada por outra paixão mais forte e depende da força do desejo ou jogo afetivo para que se passe de uma inadequação-paixão a uma adequação-ação.

A finalidade da passagem da paixão à ação desemboca no aumento do *conatus*. Sendo ele o aumento de conservação do homem, quando uma paixão fraca (ex. tristeza) é superada por uma paixão mais forte (ex. alegria) e o desejo dela nascido, o *conatus* e nossa atividade aumenta, diminuindo nossa passividade.

É pelas paixões que se explicam os afetos da alegria e da tristeza. Alegria (quando a mente passa a uma perfeição



maior), contentamento e excitação. Tristeza (quando a mente passa a uma perfeição menor) dor e melancolia.

A excitação e a dor estão ligadas ao homem quando apenas uma de suas partes é afetada, e o contentamento e a melancolia quando todas as suas partes podem ser igualmente afetadas.

A potência de agir de nosso corpo aumenta e estimula-se quando a mente imagina e considera um corpo exterior como presente, afetando o corpo humano através da natureza de tal corpo exterior. Logo a mente esforça-se para imaginar tais coisas que aumentam e estimulam a potência de agir do corpo, pois ela mesma, sua potência é aumentada ou estimulada.

Quando a mente imagina coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, tanto a potência da mente quanto a do corpo será diminuída e refreada. Isso só acaba quando a mente imagina outras coisas que assim possam anular a existência das primeiras. A mente evita imaginar coisas que refreiam ou diminuem sua potência e a do corpo, mas quando, porém, isso acontece, ela se livrará disso imaginando coisas que anulem tais coisas.

Assim podemos perceber as definições de amor e ódio: Amor (que é a junção da alegria com a ideia de uma causa exterior) quem ama quer conservar e ter presente a coisa que ama e Ódio (que é a junção da tristeza com a ideia de uma causa exterior) quem odeia afasta-se e quer destruir o que odeia.

Medo e Servidão

Fruto do ódio e da tristeza, o medo nasce da junção tanto de certas paixões como das imagens provenientes das percepções corporais, que produz na mente ideias imaginativas.

O medo nada mais é do que “[...] uma tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida [...]” (ESPINOSA, 2010, p. 243), vivemos rodeados pelo

medo, pois temos em nós a dúvida daquilo que virá, daquilo que de novo pode acontecer, e daquilo no qual podemos ser punidos.

Outras paixões podem diminuir o sentimento do medo, como também podem aumentá-lo.

Se por um lado muitos homens possuem medo de receber castigos ou punições de acordo com seu estado de vida, por outro quem exerce poder sobre tais homens também possuem medo.

Ao medo causado pela incompreensão da Natureza vem juntar-se o medo aos homens, o pavor dos suplícios e castigos, infligidos aos dissidentes, e o temor da perda de favores e recompensas, distribuídos aos coniventes. Mas, do lado dos poderosos, também há medo: têm medo da desobediência, da revolta, da perda de prestígio e de poder. Têm medo dos que possam refutá-los. Têm medo sobretudo dos iguais, dos que possam rivalizar com eles, fabricando máquina imaginária mais potente que a sua porque mais persuasiva (CHAUI, 2011, p. 155-156).

Se o medo reprime e contradiz com a liberdade humana e produz efeitos imediatos na diminuição do *conatus*, o afeto da Servidão então aparece mostrando a incapacidade humana de agora refrear determinados afetos.

A servidão se dá como resultado das paixões. Tendo a força do *conatus* devidamente diminuída por ações externas, ela se deixa dominar por tais forças exteriores. Ora, a servidão possui origem com o conflito entre a força interna “*conatus*” e as forças externas, onde o indivíduo ao invés de dominar tais forças ou “afetos” acaba por assim submeter-se a elas (o que para Espinosa é visto como algo negativo) demonstrando a impotência humana que não pode assim controlá-las ou contê-las, mas é dominado por elas fazendo com que sua capacidade de agir e pensar seja anulada do *conatus*, alterando a forma



com que o indivíduo às maneja e impõe limites.

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior. [...] (SPINOZA, IV Parte. Ética, p. 263).

Quando o indivíduo então se vê submetido pela servidão, sua mente já não pode ter uma ideia clara que afirme a existência de seu corpo e de si mesma, sem que seja uma ideia inadequada e confusa. Ela se vê sobre o poder da fortuna, marcado pelo poderio externo.

Já não estando mais em poder de si, o indivíduo está à mercê do poder de outro. Ele já não possui direito nem domínio sobre si, seus bens, o mundo em que vive e muito menos da sua liberdade. Isso desembocará no que Espinosa denomina Alienação, que nada mais é quando o indivíduo servo de causas exteriores, tornando-se passivo-passional acaba por estar em poder de outro, não o reconhecendo como dominante, mas se identificando com ele.

Os efeitos que despertam da servidão permite que o homem para satisfazer seu desejo possa odiar destruir e lutar contra todos os outros, o que no campo político provocará conflitos.

A vida política aparece aos indivíduos como forma de melhor administrar o direito natural, passando ao direito civil, onde a vida e a liberdade de todos possam ser garantidas.

[...] O direito natural (isto é, a potência de existir e agir que define o *conatus*) é conservado no e pelo direito civil, que surge exatamente para concretizar a potência natural de cada um. O direito civil e a vida política nascem para fortalecer os *conatus* individuais que não podem realizar-se satisfatoriamente no estado de Natureza ou numa vida pré-

Vol. 11 (2016) - Edição Especial:
As multilinguagens da educação [...].
política. [...] (CHAUÍ, 2011, p. 165).

Porém, um indivíduo alienado, utilizando-se de uma ideia inadequada e se servindo da vida política adquirindo poder, pode assim gerar uma série de destruições, alienando consciências que provocarão a guerra e a destruição de povos.

O Nazismo

Humilhados com o término da I Guerra Mundial (1914-1918) e pelo Tratado de Versalhes, que colocava diante da Alemanha duas condições permeando dificuldades econômicas e sociais sobre a mesma, eis que surge apoiados pela Elite alemã, o Partido Nazista liderado por Adolf Hitler.

Adolf Hitler (1889-1945) enfrentou desde sua juventude vários fracassos em sua vida, chegou a passar fome e a dormir em asilos destinados a mendigos, obteve mau êxito na tentativa de entrar para a Academia de Belas Artes de Viena, enfrentou dificuldades financeiras, além de que como voluntário do exército alemão durante a I Guerra Mundial, foi ferido em combate.

Vendo seu país devastado pela guerra e suprimido pelas condições impostas por outros países, Hitler se filia ao Partido Nazista, onde em 1921 passa a ser o chefe absoluto do mesmo. Onde “[...] a maioria do Povo alemão reconhece agora a ruma da Alemanha apenas pela pobreza econômica geral e seus resultados. Quase todos são tingidos por essa crise, razão por que cada um pode avaliar a extensão da catástrofe” (HITLER, 1925, p. 216).

Em 1923, Hitler é preso, e durante seu tempo de cárcere escreve o livro “*Mein Kampf*” por onde difunde os ideais nazistas de elevação da raça ariana e superioridade do estado alemão sobre os outros, é solto em 1924 onde logo depois reconstruindo o Partido Nazista e utilizando de seu cargo de chanceler, difunde e propaga os ideais nazistas através da violência e propaganda



enganosa junto ao povo.

Tendo acabado com todos os partidos opositores ao Nazismo, o mesmo se torna o único partido alemão, onde Hitler é então o chefe-supremo da Alemanha.

Iniciado o tempo de guerra, os alemães nazistas começaram a ocupar os países da Europa como: Dinamarca, Holanda, França, Bélgica, até que os conflitos começaram a tomar proporções mundiais envolvendo 58 países de várias regiões do mundo.

Aqui nos ateremos apenas sobre a crueldade e a monstruosidade que o Nazismo empregou sobre judeus, negros, homossexuais e deficientes físicos. Pois para Hitler “O pecado contra o sangue e a raça é o pecado original deste mundo e o fim da humanidade que o comete” (HITLER, 1925, p. 238).

Os campos de concentração

Tendo assim propagado o ideal de superioridade da raça ariana, a força nazista começa então a separar e identificar cada pessoa na Alemanha de acordo com suas concepções para a conservação da raça superior.

Os judeus eram vistos como a causa da perda da I Guerra Mundial, como tumores para o estado alemão, eram vermes que segundo Hitler deviam ser esmagados. Eram os judeus satânicos seduziam as loiras puras da nação alemã, manchando a nobre raça, eram mentirosos que sujavam a pátria e o povo alemão.

Esse envenenamento da alma do povo pelos judeus, essa mercantilização das relações entre os dois sexos haviam, mais cedo ou mais tarde, de prejudicar as novas gerações, desde que, em lugar de crianças nascidas de um instinto natural apareciam apenas lamentáveis produtos de um espírito inteiramente comercial. [...]” (HITLER, 1925, p.236).

Com este pensamento, criam-se os campos de concentração, onde milhões de

judeus ali se tornam escravos e destinados à miséria, à fome e à destruição.

Nos campos de concentração os judeus eram obrigados a trabalhar por longas horas sem comida, água ou descanso em fábricas e pedreiras, sendo eles alojados de forma deplorável em pequenos quartos superlotados, sem direito a nada, além de que constantemente era agredidos e mortos por soldados nazistas.

O estado de barbárie em que se encontravam era desumano. Uniformizados eram vistos como animais, uma raça a ser aniquilada para o bem da humanidade. Em campos de concentração, judeus eram torturados, humilhados, submetidos a maus-tratos e a experiências científicas que os levavam à morte.

Dados confirmam que em média chegam a 7,5 milhões de judeus mortos em campos de concentração, sem contar homossexuais, adultos e crianças com deficiências físicas e mentais.

A ciência Nazista e o extermínio de pessoas

Hitler investiu na ciência, era preciso que medicina e as ciências naturais abrissem espaço para a raça pura, pois cerca de 80% dos médicos em Viena eram Judeus, o que para Hitler era inconcebível, já que eram eles que tomavam os lugares e roubavam os empregos dos arianos superiores.

Trancafiados em enfermarias e laboratórios nazistas, seres vivos passavam por atrocidades inimagináveis. Taxados de *Lebensunwertes Leben* (vidas indignas de serem vividas), eles eram mantidos em água gelada, obrigados a ingerir gás mostarda, usados como “viveiros” de bactérias, fuzilados com balas envenenadas, queimados com bombas incendiárias, amputados sem necessidade e torturados em câmaras de baixa pressão. [...] (VILLAS, 2012, p. 32).



Era permitido usarem de judeus para vários experimentos, já que era uma raça inferior, eram considerados ratos. Ora, se com ratos podemos utilizar de cobaias, assim cientistas nazistas argumentavam: Judeus são cobaias. O ponto de justificação nada mais é do que o racismo, a idéia de lidar com uma raça inferior, faz com que quem detém o poder utilize de vidas para realizar experiências.

Tais experiências científicas eram utilizadas em favor de soldados alemães na Guerra, pois estavam exposto a tudo, desde queimaduras à infecções, era preciso criar uma defesa científica, uma forma de prevenir e auxiliar o tratamento de atingidos nos conflitos.

Deficientes físicos e mentais eram sujeitos a várias experiências, frutos de uma propaganda enganosa que prometia a cura das enfermidades para suas famílias. “[...] Em 1939, eles examinaram 250 mil pacientes psiquiátricos e condenaram 75 mil à eutanásia. Quando o programa de extermínio de doentes foi desaprovado publicamente em 1941, eles continuaram o trabalho. Em segredo, mataram mais 100 mil de fome. [...]” (VILLAS, 2012, p. 32).

Podemos citar o médico Josef Mengele (1911-1979), que foi considerado o “demônio” ou “anjo da morte” de Auschwitz, que injetou tinta em olhos de crianças, jogou prisioneiros em caldeirões ferventes, dissecou anões vivos e uniu gêmeos cirurgicamente em favor de uma ciência que extrapolava todos os limites da ética com uma mórbida criatividade. “E, em tudo isso, o objetivo único deve ser a conservação da saúde do povo, tanto do ponto de vista físico como do intelectual. A liberdade individual deve ceder o lugar à conservação da raça.” (HITLER, 1925, p. 244).

Assim, a ciência e os experimentos nazistas ultrapassam toda e qualquer justificação. Cobaias humanas eram todos aqueles inferiores dos quais a Alemanha e a raça pura devia aniquilar, se desvincular e se livrar.

Considerações Finais

Tendo em mente que para Hitler a única solução para os judeus era o holocausto, ou seja, a destruição em massa dos judeus, que só terminará com o fim da guerra em 1945, passemos então, à análise dos horrores empregados durante esse período através da ética espinosana.

Hitler afirmava em seus discursos e até mesmo em seu livro *Mein Kampf* que estava obedecendo e executando a vontade de Deus, do Criador segundo a Sua Providência. Segundo a I Parte da ética de Espinosa, “Deus” a substância de infinitos atributos não cria o mundo, mas antes o mundo surge de acordo com a necessidade da substância, ou seja, o mundo existe conforme a existe a substância, ela é imanente ao mundo, que por sua vez é a extensão da mesma. Ora, se a substância não se separa do mundo e o mundo surge pela necessidade, não há vontade, não há Providência, Deus não abençoa ou amaldiçoa ninguém, nem raças ou povos.

O homem, mesmo sendo diferente por questões de etnia, raça ou em sua diversidade de padrões e gêneros, não pode ser visto como melhor ou superior ao outro, pois derivados dos atributos da mesma substância infinita, possuem os mesmos valores igualitários no qual a intervenção da força de preservação na existência denominada “*conatus*” atinge não só a quem recebe a intervenção, mas atinge também quem aplica a intervenção, ou seja, Hitler ao elevar as concepções de raça pura e superior, anulando e interferindo na vida e no *conatus* de milhares de judeus e outras tantas pessoas consideradas por ele inferiores, acaba assim por interferir no seu próprio *conatus*, diminuindo a sua força de preservação na existência.

O afeto da servidão desencadeado do medo e da tristeza de tantos acontecimentos trágicos em sua vida e de sua nação, sobretudo no que se refere à calamidade causada após o término da I Guerra



Mundial e com o Tratado de Versalhes, leva-o a realizar tais atos.

O enfraquecimento de seu *conatus* e o deixar-se levar pela inadequação do afeto da tristeza provocará a servidão à Hitler. A servidão que gerará a destruição, a guerra, o devastar de uma raça e da própria autodestruição de Hitler, que se suicida junto a sua mulher no fim da guerra, quando a Alemanha está cercada e não há mais como se intervir. Novamente seu país está devastado e seu povo destruído, demonstrando segundo os aspectos éticos espinosanos o quanto a servidão humana pode causar destruição.

Partindo deste princípio, o Nazismo e seus ideais não podem ter sido necessários ou adequados ao mundo, mas antes o terror, o medo e o enfraquecimento e destruição do *conatus* de milhões de pessoas provam a inadequação dotada da servidão em que muitos se serviram neste período.

Não obstante o Nazismo tomou novas formas até hoje, pode-se mencionar vários outros grupos que assim nasceram com os mesmos ideais para assim terminar o que Hitler iniciou. Um exemplo disso são os considerados neonazistas.

Dado o exposto, concluo observando que os ideais nazistas tomaram novas formas durante a história, novos conceitos que implicam: preconceito, homofobia, xenofobia, *bullying* e tantos outros títulos que exercem o racismo e a diminuição do *conatus* humano. Logo enquanto o homem não tomar consciência dos aspectos de igualdade e não deixar se levar pelos afetos da tristeza, do medo e da servidão, isso estará longe de acabar.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Desejo Paixão e Ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: poder e liberdade**. *En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx*

Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006.

COTRIM, Gilberto. **História Global-Brasil e Geral- volume único**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ESPINOSA, Baruch de. **Os Pensadores-Espinosa**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. [S.l.: s.n.], 1925. Disponível em: <www.InLivros.net>. Acesso em: 13 de maio de 2012.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

VILLAS, Rodrigo Rezende Design. **Ciência Nazista. Aventuras na História**. São Paulo, v.. 105, p. 28-37, abr. 2012.